

Informação assusta o líder na Câmara

Andrei Meireles

Ao final de uma reunião com um grupo de deputados do movimento pró-soberania da Constituinte, o líder do PMDB na Câmara, Luiz Henrique, levou um susto: a informação de que o porta-voz do Planalto, Frota Neto, teria atribuído ao presidente José Sarney uma clara oposição ao chamado projeto de decisão por considerá-lo «um poder paralelo». No ato, Luiz Henrique pediu à secretária que telefonasse para o ministro Marco Maciel, atrasando por alguns minutos uma concorrida entrevista à imprensa.

Mais tranquilo, retornou à sala onde concede entrevistas e comunicou: «O ministro Marco Maciel, com quem conversei agora, esclareceu que a opinião do presidente Sarney, transmitida por Frota Neto, é de que o projeto de decisão não deve ser usado para a definição do mandato presidencial. Nós concordamos com isto».

Episódios como este, que têm ocorrido cada vez com mais frequência desde a instalação da Constituinte, realçam a falta de entrosamento e articulação entre o Planalto e o PMDB. Os sobressaltos com atitudes e manifestações inesperadas têm atingido a ambos. A polêmica conversa, sábado passado, entre Sarney e Ulysses Guimarães teve como um de seus objetivos evitá-los. Os sustos, no entanto, prosseguem.

Durante os dois primeiros anos do governo Sarney, o relacionamento do presidente com o PMDB alternou momentos de tensão e descontração. Desde a primeira reunião da nova bancada do PMDB, quando o partido por ampla maioria definiu-se a favor da Constituinte exclusiva, esse relacionamento mudou de qualidade. A desconfiança recíproca tornou-se regra.

A designação de um líder do governo, os acordos firmados em torno das questões mais polêmicas e, em seguida, rompidos, e o verdadeiro jogo de adivinhação das intenções ocultas em cada lance do outro parceiro transformaram o relacionamento em algo mais adequado a adversários do que a aliados. Mas, de parte a parte, em público, as declarações de amor mútuo continuam uma constante, como se nada tivesse mudado. Nos bastidores, no entanto, a conversa é outra: Sarney está convencido de que o PMDB quer encurtar seu mandato, enquanto os peemedebistas estão irritados com as tentativas inspiradas pelo Planalto para dividir o partido.

O diálogo entre Ulysses e Sarney, com suas várias versões — a oficial, conversa de namorados; a de José Lourenço, uma ameaça ao PMDB; e a dos interlocutores de Ulysses, um apelo à unidade da Aliança Democrática —, não produziu até o momento os efeitos esperados: o restabelecimento da confiança entre os principais parceiros da Aliança Democrática.